

## **DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES DE JOVENS GAYS SOBRE IDENTIDADES E PRÁTICAS SEXUAIS: Encontros e Desencontros com a Política Identitária**

Alexandre Martins Joca\*

**Resumo:** Este artigo é uma reflexão sobre identidades e práticas sexuais sob a óptica de jovens gays de periferias de Fortaleza. Para isso, optamos por observar nos discursos desses sujeitos suas percepções e representações acerca dos processos identitários e suas práticas e das compreensões sobre sexualidade e gênero. Foi utilizado como material empírico o discurso de jovens gays de periferias de Fortaleza participantes no ano de 2008 do projeto “Sobre Nós: diálogos e sexualidade”<sup>1</sup> através da realização de grupos focais e de oficinas sobre Juventude e homossexualidade. Tais discursos nos revelam o quanto às práticas sexuais desses sujeitos hora vai indo de encontro à suposta identidade sexual, hora vai à contramão desta.

**Palavras-chave:** Juventude, homossexualidade, identidades sexuais.

**Abstract:** This article is a reflection on identity and sexual practices in terms of young gays in suburbs of Fortaleza. For this, we chose to observe in the speeches of these subjects about their perceptions and representations of identity processes and practices and understandings of sexuality and gender. Empirical material was used as the speech of young gays from participating in the outskirts of Fortaleza year 2008 the "About Us: dialogues and sexuality" through the implementation of focus groups and workshops on youth and homosexuality. These speeches reveal how the sexual practices of those subject to the hours going against the alleged sexual identity, time goes account this.

**Keywords:** youth, homosexuality, sexual identities.

### **1. Introdução**

Apesar das transformações sociais no campo da sexualidade, observada no último século, a padronização das sexualidades humana, definidas de acordo com a seqüência “sexo-gênero-sexualidade”, ou “sexo-gênero-desejo” como prefere Butler (2003) continua vigente e a ditar comportamentos e condutas sexuais. Essa é a lógica desencadeadora, nos sujeitos, de um processo definidor dos modos de ser e viver a sexualidade, sob a condição de corresponder aos padrões de “homem” e “mulher”, masculinidade e feminilidade de acordo com o gênero imposto, limitando-nos à possibilidade da vivência da heterossexualidade.

Este artigo, a partir dos discursos e das representações de jovens gays de Fortaleza sobre identidades, comportamentos e práticas sexuais, reflete acerca do processo identitário e da vivência de desejos, e prazeres presentes no cotidiano desses jovens, estejam estes indo de

---

\* Professor, graduado em Letras e mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará –UFC.

<sup>1</sup> Projeto realizado pelo Grupo de Resistência Asa Branca – GRAB em Fortaleza/CE com o objetivo de formar jovens gays ativistas do movimento homossexual.

encontro à suposta identidade sexual ou na contramão desta. Para isso, foi utilizado como material empírico, discursos e representações de jovens gays de periferias de Fortaleza participantes no ano de 2008 do projeto “Sobre Nós: diálogos e sexualidade” através da realização de grupos focais e de oficinas sobre Juventude e homossexualidade. Tais discursos nos revelam o quanto às práticas sexuais desses sujeitos hora vai indo de encontro à suposta identidade sexual, hora vai à contramão desta.

## **2. Política Identitária à pós Identitária**

A sexualidade humana apresenta-se mais complexa e subjetiva e definir/identificar os sujeitos em duas categorias, heterossexuais ou homossexuais, parece insuficiente. Como identificar os sujeitos de “sexo biológico” discordante com o gênero? Estes transitam e/ou permanecem de maneira mais intensa nas “fronteiras do gênero e da sexualidade”, demarcadas pelo sistema binário do sexo, ignorando, assim, a idéia de uma dicotomia fixa.

Busca-se então, identificar os sujeitos a partir das suas singularidades em relação às suas práticas e comportamentos sexuais, como também o modo como estes vivem e tratam as relações sexuais e de gênero. A preferência afetiva e/ou sexual pelo mesmo sexo passa a não ser o fundamento único para a homossexualidade. O conflito entre “sexo biológico” e gênero, o trato com o corpo, e as implicações sociais com a sexualidade tornam-se critérios importante no processo identitário dos sujeitos, no campo da orientação sexual.

Quando um determinado grupo de seres humanos elege determinadas características e atributos físicos, emocionais, psicológicos e mentais, entre as inúmeras possibilidades apresentadas pela natureza, cria uma identidade, uma feição própria, que diferencia este grupo dos demais. Novos indivíduos nascem para dentro desta configuração cultural e a socialização inscreve essa identidade em cada um deles (KOSS, 2004, p. 82).

No Brasil, desde os meados da década de 1970, o movimento homossexual no Brasil tem adotado como bandeira política em suas estratégias de mobilização social, a defesa, o reconhecimento, e a visibilidade das diversas identidades homossexuais<sup>2</sup>. Assim, a homossexualidade passa a não ser vista como única e assume um caráter plural, ou seja, composta por categorias, nas quais os sujeitos compartilham de características biológicas, psíquicas e sociais semelhantes, no que tange à vivência da sexualidade e à identidade de gênero. Essa categorização da homossexualidade atualmente compõe-se das seguintes

---

<sup>2</sup> Ver JOCA (2008).

identidades: gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais<sup>3</sup>. Estas categorias e/ou identidades sexuais são definidas a partir das práticas e comportamentos sexuais e sociais, principalmente da escolha do objeto sexual, e da relação estabelecida entre o sexo biológico e a identidade de gênero. Utilizadas atualmente pelo movimento homossexual brasileiro revelam uma série de questões importantes para nossas reflexões.

No entanto, esta política identitária do sexual tem gerado uma série de questionamentos e conflitos: Não estariam essas categorias atreladas aos significados, social e culturalmente, construídos sobre gênero? Como definir a orientação sexual dos sujeitos sem correr o risco de uma abordagem essencialista de sexualidade? Ao identificar os sujeitos segundo as categorias predefinidas não estaríamos lhe impondo fronteiras e limitações? Como definir os sujeitos que não se enquadram em nenhuma dessas subcategorias?

Para Woodward (2000), as identidades sexuais estão mudando e tornando-se mais questionadas e ambíguas, sugerindo mudanças e fragmentações que podem ser descritas em termos de uma crise de identidade, pois “a forma como vivemos nossas identidades sexuais é medida pelos significados culturais sobre a sexualidade que são produzidos por meio de sistemas dominantes de representação” (WOODWARD, 2000, p. 32). “Essa “crise de identidade” não caminha necessariamente no sentido de sua solução (numa afirmação coerentemente homossexual, heterossexual ou ainda bissexual), mas talvez de sua dissolução” (PERLONGHER, 1987, p 69). As críticas à política identitária, dentre elas, a de olhar a sexualidade como fixa, definida e estável, tem se denominado por alguns estudiosos/as e pesquisadores/as enquanto uma “política pós-identitária”.

Atualmente, a teoria pós-estruturalista, especificamente a Teoria Queer<sup>4</sup>, tem questionado veementemente a política identitária do sexual e posto em xeque a fixidez das identidades de gênero e identidades sexuais como também a relação entre sexo e gênero, através da denúncia de seu caráter essencialista fundamentado nas “verdades” biológicas.

Assim, há um investimento na crítica às oposições binárias – masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade – nas quais, se baseia o processo de fixação das identidades de gênero e das identidades sexuais” (SILVA, 2000, p. 89). Na definição de Louro, queer “quer dizer, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais,

---

<sup>3</sup> Ver Loiola (2005); JOCA (2008).

<sup>4</sup> A Teoria Queer surgiu nos anos de 1990 com base na teoria pós-estruturalista francesa e adota a desconstrução como método para a crítica às hierarquias sociais. A Teoria Queer tem como uma de suas maiores representantes a feminista norte-americana Judith Butler. “O termo queer que significa “estranho”, “bizarro” foi, durante muito tempo, utilizado para designar os homossexuais de maneira pejorativa. No final dos anos 80 e início dos anos 90, ele foi aprovado como emblema teórico e militante do movimento queer” (VALE, 2006, p. 64).

bissexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” ou simplesmente “tolerado” (LOURO, 2004, p. 7-8). Os pós-estruturalistas utilizam com frequência a metáfora do sujeito enquanto um “viajante” e da sexualidade enquanto territórios percorridos, e as “fronteiras da sexualidade”<sup>5</sup> aparecem enquanto limites normatizadores do sexual, as linhas divisórias dos sujeitos a partir do referencial identitário.

A proposta sugerida por Louro (1997) de desconstrução e pluralização dos gêneros está respaldada na idéia de que o pensamento dicotômico e polarizado sobre gênero, que associa a dicotomia homem/mulher à dominação/submissão, associa, da mesma maneira, a dicotomia heterossexualidade/homossexualidade à normalidade/anormalidade, partindo da construção do “ser homem” e “ser mulher”, pois, no sistema binário do sexo, em relação à orientação sexual, o segundo pólo assume, então, um caráter de inferioridade sobre o primeiro: heterossexualidade/homossexualidade corresponderia à superioridade/inferioridade, lógica produtora da homofobia.

### 3. A homofobia no Cotidiano de Jovens Gays de Periferias de Fortaleza<sup>6</sup>

Considero importante trazer, anterior às questões de identidade e práticas sexuais alguns relatos dos jovens sobre as manifestações da homofobia nas relações sociais vividas nos espaços de sociabilidade desses sujeitos. O relato de manifestações de preconceito, quase sempre ocorre na vizinhança, na família e nas escolas “*os colegas que fazem piadas, xingamento*” ou em locais públicos como terminais de ônibus:

Eu fui fazer num local indevido e os seguranças viram no terminal da Parangaba (bairro de Fortaleza) me agrediram, não fisicamente, mas com palavras, me extorquiram, me pediram dinheiro, me ameaçaram dizendo que eu ia pra cadeia e eu tive que pagar pra eles me liberarem (Valdízio, 29 anos).

Quanto à agressão física, apenas uma pessoa declarou ter sido violentado sexualmente por um vizinho “*Eu tinha 15 anos e ele me estuprou e eu não contei pra ninguém. Eu resolvi com o tempo... o tempo passou...*” (Djacir, 24 anos). Segundo um dos jovens, as causas da violência contra homossexuais têm como justificativa principal “*O preconceito, a aversão, o medo do diferente é uma questão de cultura. O que é diferente é anormal, é doente, não presta... eu acho que é o medo do diferente*” (Manuel, 28 anos). Para outro,

---

<sup>5</sup> “cruzar fronteiras”, por exemplo, pode significar simplesmente mover-se livremente entre os territórios simbólicos de diferentes identidades (...) não respeitar os sinais que demarcam – “artificialmente”- os limites entre os territórios das diferentes identidades. (...) Aqui, mais do que a partida ou a chegada, é cruzar a fronteira, é estar ou permanecer na fronteira, que é o acontecimento crítico (SILVA, 2000, p. 88-89).

<sup>6</sup> Ver PEDROSA e CASTRAO, 2008.

Eu acho que muitos desses casos acontecem porque tem muitos homens machistas, preconceituosos que fazem aquilo que aquela mesma pessoa pratica ou então fazem pior e quer dar uma de “machão” na frente da sociedade porque a sociedade não aceita isso e quer dar uma de “machão”, por isso que agride (Emerson, 27 anos).

e também, “os incubados têm inveja por não assumir o que o outro faz, e ai vai mexer com aquela pessoa que se sente bem” (Valdízio, 29 anos).

Há também o entendimento de que a violência contra homossexuais tem como causa principal o preconceito das pessoas, “o desconhecimento que gera discriminação”, como também, observa-se, entre os jovens a reprodução de argumentos homofóbicos como: “Eu acho que é o próprio homossexual que não se dar valor... andar no meio da rua se requebrando, falando besteiras... isso é o que ocasiona a violência” (Manuel, 28 anos).

No ambiente familiar, espaço de formação primária dos sujeitos, a violência ocasionada pela homofobia também está presente, especialmente na figura paterna, pois “O meu pai aceita a minha irmã, ela é sapa, mas homem é homem. A mulher ele aceita” (Danilo, 18 anos). “O meu pai. Ele ameaçou até de me matar” (Flavio, 20 anos).

Nas escolas (xingamentos): “na infância no colégio quando começou... porque eu não gostava quando me chamavam de gay. Tinha uma menina que gostava de chamar muito de gayzinho, viadinho, (...) e eu me controlava, eu acho assim. Essa questão do preconceito mais verbal” (Denes, 21 anos).

Na rua: “Eu estava passando, eu e uma amiga minh, ai um bêbado falou desse jeito: “– Pei, matei um gay” (Douglas, 20 anos).

Daí, o preconceito e a discriminação são os aspectos mais negativos relacionados à homossexualidade:

Acho que ser gay é um aspecto positivo... a questão de ser diferente... acho que existem mais aspectos negativos do que positivos... o preconceito que ainda é muito grande apesar de já ter evoluído bastante... antigamente jogavam pedra, xingavam na rua... principalmente na escola, fui muito perseguido (Manuel, 28 anos).

Dentre os aspectos positivos, o apoio da família, principalmente da mãe e considerado importante. “Quando a gente tem o apoio da mãe da gente fica mais tranquilo” (Josivaldo, 22 anos).

Ao observar tais relatos, percebe-se que a tríade da violência é rua-escola-casa. A rua é um espaço público, onde os sujeitos exercem a cidadania, no caso dos homossexuais é negada, pois diferem da heteronormativa (Butler, 2003); a escola e a casa são espaços de

formação e de afetividade, mas como vimos ainda estão presos às normas que regem o que é “normal” e o que é “diferente”. O “diferente” seriam os sujeitos que extrapolam o binarismo, pois não se consegue enquadrar no masculino e no feminino.

#### **4. Identidade e Práticas Sexuais sob a Óptica de Jovens Gays**

Conforme podemos observar, a dicotomia homossexualidade/heterossexualidade implica definir sujeitos com práticas e comportamento sexuais não apenas diferentes como opostos também. Assim, “ser heterossexual” e “ser homossexual”, dentro dessa concepção identitária do sexual, deve seguir padrões predeterminados, a partir da orientação sexual, ou seja, do desejo sexual e/ou afetivo. Os padrões definidos pelo sistema binário do sexo para os sujeitos heterossexuais masculinos estariam, de acordo com a concepção da masculinidade, estabelecida e aceitável pela sociedade. Os sujeitos teriam seus desejos e fantasias sexuais voltados ao sexo oposto e deveriam seguir os modelos de ser, de vestir, de falar, de comportar-se como “homem”. Características como a virilidade, a razão, a força, dentre outras, enquadrar-se-iam nesse modelo.

Aos homossexuais masculinos, os gays, os padrões deveriam corresponder a um modelo desviante ao do heterossexual masculino, ou seja, os gays deveriam associar-se ao padrão de feminilidade, uma vez que seus desejos e fantasias – sexuais e afetivos – estão voltados ao mesmo sexo, portanto, desviante da concepção de masculinidade. Assim, os homossexuais masculinos deveriam, também, seguir alguns padrões. “Ser gay” implicaria ser sensível, delicado, e portar-se de acordo com trejeitos identificados com a feminilidade, nos modos de ser, de vestir, de falar etc. O que implicaria em uma identidade gay.

Daí a recorrente expressão “mundo gay” no discurso dos jovens gays ao remeter-se à sociabilidade entre homossexuais. Essa suposta existência de um “universo” paralelo, “diferente”, permeado pela construção caricata do “ser gay”. Os jovens gays apontam para duas concepções de se identificar enquanto gay. A primeira, no campo da construção social dos gêneros, é a imagem do gay sempre associada a predicados femininos: “o gay é sensível, tem uma percepção mais aguçada, é comunicativo, alegre, é festeiro, é fecheção. (...) *“O lado bom é o da alegria, porque o mundo gay ele é muito alegre, mas já o mundo hétero[sexual] não, é mais trancado. O lado chato é o preconceito até mesmo em casa e na sociedade”* (Mateus, 18 anos).

A segunda passa pelo campo do desejo sexual, de modo que se toma como referência não ter atração por mulheres, somente por homens. *“Eu me identifico como gay apesar de ter dezoito anos, mas eu já me sinto gay porque eu não sinto atrações por mulheres e sim por*

*homens. Acho que por isso que eu sou gay. Por quem você sente atração define que você é gay” [...] (Mateus, 18 anos).*

A segunda trata da questão da orientação sexual como um processo instável. *“A minha orientação sexual [pausa/silêncio] bom eu acho que muitas pessoas, principalmente eu, sou muito de momento. Eu acho que não existe negócio [pausa/silêncio]. Existem pessoas que atraem a gente, de várias maneiras, tem homens que me atraem muito, mulheres também já me atraíram, a minha orientação sexual, no momento agora, estou namorando um cara, já tem um ano já, [pausa].... Gay, não é? Homossexual” (Gustavo, 18 anos).*

Nessa perspectiva, a questão da orientação sexual como algo não definido, o fato de se identificar enquanto gay não impede de ter atração pelo sexo oposto. *“Já fiquei com homens e com mulheres, tenho três filhos, o que vier rola (...) Não gosto de mulher, gosto de fazer sexo” (Douglas, 20 anos).*

Percebe-se aí uma nítida distinção entre as práticas sexuais e as questões de afetividade, o fator preponderante de se identificar à orientação sexual é a afetividade, o que muitas vezes não tem uma relação direta com as práticas sexuais.

Alguns se identificam somente como gays ou homossexuais. Para alguns há uma constante afirmação positiva da homossexualidade, *“.me considero homossexual, tenho orgulho do que sou... me sinto maravilhosamente bem e adoro o que sou” (Josivaldo, 22 anos).* Outros ainda não têm a orientação sexual definida: *“Eu sou “homo”, mas eu também curto o lado bi. Em alguns momentos sou ativo, em alguns momentos eu sou passivo. Eu gosto de tudo um pouco. Mas não sei realmente o que sou mesmo” (Emerson, 27 anos).* Percebe-se aí uma confusão entre papel sexual e identidade social.

O preconceito e a discriminação são, pelos jovens, os aspectos mais negativos relacionados à homossexualidade. O positivo são as amizades que se constrói entre os iguais, questão da solidariedade e união.

Quanto à relação entre afetividade e relação sexual, a sexualidade pode ser vivenciada independente a existência ou não de afeto *“eu tenho uma pessoa que eu me relaciono sexualmente sem afeto” (Josivaldo, 22 anos) ou “eu não consigo gostar de ninguém... pra mim, eu faço e esqueço... eu fico por prazer mesmo” (Valdízio, 29).*

Nos discursos dos jovens gays sobre as relações sexuais o ato sexual aparece extremamente associado ao modelo hierárquico heteronormativo, como por exemplo, masculino/feminino, passivo/ativo, bicha/bofe; raramente é seguindo um modelo igualitário *“gay/gay”*.

Para mim eu acho mais fácil encontrar gente para fazer sexo em canto de hetero[sexual] do que em canto gay, tipo na praia, no forró, nesses pré-carnavais que estão acontecendo em Fortaleza, os “bofes” já sabem. Eles já sabem o que é pra fazer e já vão todos preparados. E os locais gay que eu acho, quando você vai é pra beijar, mas quando é para curtir, só para fazer sexo, eu acho mais em canto hétero[sexual] (Flávio, 20 anos). “Só para fazer sexo...Para fazer sexo é num canto hétero[sexual], você chega num bofe ele pode estar na maior pose, você chega pra ele deu um close e ele vem. (Dênis, 21 anos).

Ao tratar das relações sexuais, o sexo aparece enquanto algo casual, pois não se fala em relacionamento ou namoro estável, e sim numa “transa” que quase sempre ocorre nas ruas, banheiros públicos e praias com pessoas desconhecidas.

Num beco, nas ruas esquisitas, em uma casa abandonada, numa construção” (Tiago, 16 anos). “Na rua é mais fácil você encontrar do que numa boate. Você estar passando na rua, o cara fica olhando para você. Se for para mim eu encaro mesmo, quero nem saber para onde é que vai (Mateus, 18 anos).

Assim, os encontros com os parceiros sexuais parecem ocorrer geralmente em lugares e momentos ocasionais, como na rua, no ônibus, na escola e geralmente as relações sexuais também podem ocorrer nesses espaços: “*Eu encontro em qualquer lugar... se rolar um clima e a pessoa tiver afim também eu encontro em qualquer lugar...no ônibus, no meio da rua, na escola..*” (Joacir, 24 anos).

Encaram a relação com pessoas do mesmo sexo uma coisa normal e natural já que a maioria desde criança sente atração pelo mesmo sexo. “*Desde criança eu tenho isso, na minha família todo mundo me aceita*” (Flavio, 20 anos). “*Eu acho normal ficar com meninos. Agora a sociedade em si que fala que tem alguma diferença, porque sexo é sexo independente de quem esteja fazendo*” (Danilo, 18 anos).

Todos se aceitaram muito cedo, mesmo que em alguns momentos não demonstrem isso para sociedade. “*No começo estava liberando geral para todo mundo, mas eu vi que estava sofrendo preconceito, estava perdendo muitas amizades, agora tento esconder mais um pouco*” (Gustavo, 18 anos).

## **5. Breves Considerações**

Diante do exposto, acredito ser oportuno uma reflexão acerca do contexto no qual jovens gays de periferias de Fortaleza estão inseridos. Cabe aqui considerar que as desigualdades sociais vividas por estes sujeitos nas dimensões de gênero, classe e raça, entrelaçam-se às questões da sexualidade, intensificando os obstáculos vividos em seus processos de formação, especialmente, aqueles relacionados à afirmação e reconhecimento



dos seus direitos sexuais. Vale lembrar que as contradições, os conflitos e a reprodução de preconceitos observados nos discursos acima são reflexos do cenário social, onde a conquista e o reconhecimento dos direitos sexuais, na perspectiva das diversas orientações sexuais, convivem com a perpetuação e reafirmação da heteronormatividade, portanto, a produzir e reproduzir a violência homofóbica nos mais variados espaços de formação da juventude.

Por outro lado, alguns jovens LGBTTT, na vivência da homossexualidade (ao assumir-se publicamente), através de suas expressões corporais, de suas subjetividades, têm empreendido em seu cotidiano uma “pedagogia transgressora”, uma “contracultura”<sup>7</sup>, frente a necessidade do reconhecimento e afirmação de sua identidade sexual<sup>8</sup>, pois conforme podemos observar são os jovens homossexuais que têm posto à mesa os saberes sobre a diversidade sexual, questionando assim, a hegemonia heteronormativa do sexual e desvendando, dando visibilidade a outras possibilidades de ser e/ou estar no mundo.

## 6. Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith.. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, 2003.

JOCA, Alexandre Martins. **Diversidade Sexual na Escola: Um “problema” posto à mesa**. Dissertação de Mestrado. UFC, 2008.

KOSS, Monika Von. **Feminino + Masculino: Uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

LOIOLA, Luís Palhano. **Diversidade Sexual: para além de uma educação escolarizada**. 2005. 189 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação – FACED, Universidade Federal do Ceará, 2005.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**; Petrópolis, RJ; Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho: Ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PEDROSA, Francisco e CASTRO, Camila (Org.). **Juventudes homossexuais e sexualidades: comportamentos e práticas**. Fortaleza: GRAB, 2008.

PERLONGHER, Nestor. **O michê é homossexual? Ou: A política da identidade**. In: Foucault Vivo / Ítalo A Tronca (org.). Campinas, SP: Pontes, 1987.

---

<sup>7</sup> Ver Loiola (2005).

<sup>8</sup> Para Pais (2005) os jovens, quando vistos enquanto “marginais”, “desalinhados”, transformam esta exclusão em “oportunidade para reafirmarem, exacerbarem, suas identidades”. Ao observar a construção de identidades juvenis enquanto identidades performáticas, o autor lembra que estas são “constituídas como marcas de uma pretensa individualidade. (...) Identidades que são socialmente ritualizadas e, nesse sentido, as tatuagens, *piercings* e outras intervenções corporais são marcas individuais, sem deixarem de ser grupais (...) modos diversos de fazer falar o corpo, de multiplicar sua capacidade lingüística” (Pais, 2005).

SILVA, Thomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VALE, Alexandre Fleming. O riso da paródia: Transgressão, feminismo e subjetividade. In: VALE, Alexandre Fleming; PAIVA, Antonio Cristian Sararaiva (orgs.). **Estilísticas da sexualidade**. Fortaleza: Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará; Campinas: Pontes Editores, 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Thomaz Tadeu da. **Identidade e diferença** (org): A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.